

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

DA SOLIDEZ À LIQUIDEZ: CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE.¹

Adriana Toso Kemp².

¹ Ensaio teórico elaborado a partir da disciplina “Educação, Diferença e Emancipação”, ministrada pelo professor doutor Sidinei Pithan da Silva, no segundo semestre de 2015, ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.

² Graduada em Letras, Mestre em Educação nas Ciências: Letras e Doutoranda em Educação nas Ciências. Linha de pesquisa: Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da educação.

Introdução

Este texto tem como foco a educação no contexto da Modernidade líquida. O esforço empreendido nesta pesquisa bibliográfica segue na direção de buscar, no pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman, elementos com os quais seja possível esboçar resposta(s) à pergunta: que educação se faz necessária no contexto da Modernidade líquida? Será que o mundo é mesmo inóspito à educação?

Contudo, inspirando-se no modo como o próprio Bauman constrói sua argumentação e apresenta suas análises, antes de buscar respostas, faz-se necessário perguntar pela finalidade da educação, pois se pode argumentar em prol de um ou de outro tipo de educação dependendo do horizonte de perspectiva em que nos situamos quanto aos fins a que ela deve servir. Se entendemos que a educação tem por finalidade a preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, por exemplo, responderemos à questão inicial de uma maneira; se, por outro lado, concebemos a finalidade da educação como formação integral de pessoas para a cidadania plena, adotamos outro horizonte, desde o qual inevitavelmente elencaremos outros argumentos para responder à mesma pergunta.

Educar para quê?

Na gênese da Modernidade, Bauman situa o poder do conhecimento e de seus guardiões. Segundo ele, os povos primitivos caracterizavam-se por dois tipos gerais de temperamento: o do sacerdote-pensador e o do leigo. A distinção estabelecida entre eles no início da Modernidade engendra uma assimetria aguda no desdobramento do poder social.

Com a ascensão do absolutismo, a nobreza perdeu seu papel coletivo como classe política; manteve seu status de ideal de excelência e legitimação de influência, mas isso se dissociou de hereditariedade e linhagem. A partir disso, o conceito de nobreza adquiriu uma nova e íntima conexão com a educação.

Bauman emprega as metáforas do “jardim” e do “jardineiro” para fazer sua análise das sociedades modernas. Segundo ele, as “culturas selvagens” se reproduzem sem supervisão, sem intento consciente, sem nutrição especial. “Culturas cultivadas” ou “jardins”, entretanto, só podem ser sustentados por pessoal letrado e especializado.

A Modernidade, em sua fase sólida, conforme conceitua o autor, teve como principais características constitutivas a pretensão de colonizar o futuro; o desprezo pelo passado e pela tradição; a obsessão pela ordem: controle do tempo e do território; a universalidade de padrão

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

comportamental que não conhecia limites de incentivo; o vínculo indestrutível entre racionalidade e paixão pela perfeição, por uma vida justa, pelo trabalho duro; a domesticação dos instintos e das emoções; o adiamento da satisfação; a obra de uma vida de virtude, o controle sobre o corpo e sobre o destino humanos. Trata-se, nas palavras de Bauman, de “uma era que acreditava em ciência, progresso, verdade objetiva, controle sempre aprimorado sobre a tecnologia e – por meio da tecnologia – sobre a natureza” (2010, p. 183).

Bauman destaca a invenção de um modelo cultural inacessível para as massas populares, mas que elas eram chamadas a imitar. Por meio da cruzada cultural, promoveu-se a destruição da cultura popular e criou-se a condição indispensável da reestruturação geral do poder, marcada pela luta pelo espaço público, como um espaço policiado, ordeiro, um sistema seguro de fossos e barreiras de proteção que guardassem a fortaleza do novo poder social. O autor destaca, dentre os textos de seu corpus de análise, uma publicação no Times de 1880: ‘Os forasteiros, artesãos, trabalhadores manuais e pessoas importunas deste tipo não devem dispor de lugares. Mantê-los fora é algo desejável em todos os aspectos’ (BAUMAN, 2010, p. 99).

Nessa perspectiva, o Iluminismo consistiu, conforme o autor, em políticas de Estado esclarecidas com vistas a manter a ordem, a perpetuação da hierarquia e das divisões de classe; não o esclarecimento dos súditos do Estado! Portanto, a educação surge, na Modernidade sólida, como instrução e adestramento cuidadosamente planejados e dirigidos, voltados para o povo, orientados para a disciplina. Paralelo à educação com finalidade normativa e disciplinar, havia o esclarecimento com vistas à promoção da emancipação intelectual, formação para o pensamento independente e a escolha política, direcionado para os governantes.

Na Modernidade líquida, entretanto, tem-se o fim da estrutura de valor consensual, a supremacia da incerteza e o fim da noção/preensão de validade universal. No livro Bauman sobre Bauman, o autor esclarece que a palavra ‘pós-modernidade’ implica o fim da modernidade, deixá-la para trás, estar na margem oposta. Mas isso é gritantemente falso. Segundo ele, somos tão modernos como nunca, ‘modernizando’ de modo obsessivo tudo aquilo que tocamos. Daí sua proposta: modernidade líquida, que aponta ao mesmo tempo para o que é contínuo (a fusão, o desencaixe) e para o que é descontínuo (a impossibilidade de solidificação do fundido, de reencaixe). Esse conceito ajuda a entender tanto as mudanças quanto as continuidades (BAUMAN, 2001).

Observa-se, portanto, na Modernidade líquida, o abandono das ambições universalistas da própria tradição dos intelectuais, cujo papel é mais bem captado pela metáfora de “intérpretes”. O autor observa:

O mundo contemporâneo é impróprio para os intelectuais como legisladores; o que aparece à nossa consciência como uma crise de civilização ou o fracasso de um certo projeto histórico é a crise genuína de um papel particular e a experiência correspondente de redundância coletiva da categoria que se especializou em desempenhar esse papel (BAUMAN, 2010, p. 170).

O mercado emergiu, na Modernidade líquida, como uma nova meta-autoridade validadora. A cultura de consumo funciona como um mecanismo autopetruador e autorreprodutor. Nesse contexto de dependência em relação ao mercado, exacerbada pela colonização de um volume crescente de necessidades – inclusive a necessidade de um projeto de vida, agora organizado em

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

torno de uma série temporal de compras pretendidas –, “a cultura tornou-se uma mercadoria comercializável, sujeita, como outras mercadorias, à corte suprema, onde lucros e demanda efetiva têm assento como juízes” (BAUMAN, 2010, p. 217).

No contexto da cultura de consumo, “não sobrou espaço para o intelectual como legislador” (BAUMAN, 2010, p. 226). Mas isso não significa que intelectuais/educadores não sejam necessários. Ao abordar diretamente o tema da educação, em três textos aos quais deu o mesmo interrogativo título “O mundo é inóspito à educação?”, Bauman discorre acerca do que denomina desafios aos pressupostos básicos da educação na sociedade líquido-moderna. O primeiro desafio, conforme o autor, diz respeito à descartabilidade como característica inerente ao estilo de vida propagado e ambicionado em praticamente todas as sociedades. “O consumismo de hoje não visa ao acúmulo de coisas, mas à sua fruição instantânea e imediata” (BAUMAN, 2011a, p. 112-113).

Assim, a ideia de educação destinada à apropriação e conservação do conhecimento acumulado pela humanidade acaba por ser desanimadora. A educação calcada em fundamentos metafísicos, como a premissa de que há uma ordem imutável do mundo subjacente a toda diversidade superficial da experiência humana e a vigência de leis eternas que regem a natureza humana, as quais por séculos justificaram a necessidade de transmissão do conhecimento e sustentaram a insistência na validade atemporal do modelo educativo, não mais constituem argumentos condizentes com a realidade. Essas premissas foram criadas para corresponder a um mundo no qual as coisas eram duráveis e na intenção de preservá-las para que durassem ainda mais; num mundo em que “a memória era um patrimônio” (BAUMAN, 2011a, p. 116). Nesse ponto de sua análise, Bauman radicaliza sua crítica à sociedade líquido-moderna dizendo que “hoje esse tipo de memória firmemente entrincheirada parece ter um potencial incapacitante, em muitos casos; em outros, parece induzir a erros; na maioria das vezes inútil”.

Quero chamar a atenção, aqui, para o emprego que Bauman faz da forma verbal “parece”. A leitura desatenta ou apressada dos textos de Bauman pode levar o leitor a ignorar o efeito de sentido produzido por expressões como o verbo “parecer” empregado nessa passagem (e também em inúmeras outras ao longo de sua obra). E ignorar esse efeito de sentido pode comprometer a compreensão das ideias do autor e até mesmo levar o leitor a conclusões equivocadas como, por exemplo, entender que Bauman faz uma apologia à liquidez e a tudo que é inerente a ela, como têm feito alguns leitores da área de marketing, ou concluir que não resta esperança para esse mundo, que somos ou brevemente seremos todos tragados por essa fluidez líquido-moderna, não fazendo sentido, portanto, qualquer resistência ou empenho no sentido de produzir mudanças nesse modo de ser e fazer a sociedade. Como bem afirma Keith Tester, na introdução do livro Bauman sobre Bauman, a centralidade da análise sociológica de Bauman incide sobre a observação de “como as ordens sociais são cúmplices na desumanização. Mas, em vez de fazer a opção fácil e se prostrar em desespero diante da desumanidade disso tudo, ele tenta recuperar a possibilidade de humanidade”.

A afirmação feita pelo autor no final da primeira carta que ele “envia” a todos nós, indivíduos da sociedade líquido-moderna, sob o título interrogativo “o mundo é inóspito à educação?” consiste, no meu gesto interpretativo, numa provocação à reflexão e ao dar-se conta de que há interessados em difundir a ideia de que não faz sentido esforçar-se por cultivar memória. O autor escreve: “a possibilidade de armazenar todas as informações dentro de contêineres à devida distância dos

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

cérebros (onde as informações armazenadas assumiriam o controle do comportamento) parece uma proposta providencial e tentadora” (BAUMAN, 2011a, p. 116).

Providencial para quem?

Ter acesso à memória da humanidade, dela se apropriar, sobre ela pensar e a partir dela fazer suas próprias escolhas e assim reinventar e reinventar-se certamente dificultaria o controle do comportamento humano pelos impulsos consumistas. Portanto, manter a memória do mundo humano longe dos cérebros humanos é providencial para assegurar uma ordem social marcada por comportamentos autômatos, cujo ímpeto de consumir seja encarado como liberdade de escolha e razão mesma de viver.

Na análise sociológico-filosófica de Bauman, encontram-se elementos em defesa da educação para além da técnica; sem pretensa neutralidade esterilizante/desumanizadora que acaba por fortalecer a dominação.

Na fase ‘líquida’ da modernidade [...] a dominação pode ser obtida e assegurada com um dispêndio muito menor de esforço, tempo e dinheiro” (BAUMAN, 2011a, p. 119). “A dominação baseada na ignorância e na incerteza cultivadas é mais confiável e se torna mais barata que um domínio fundamentado num profundo debate dos fatos e num prolongado esforço para se chegar a um acordo a respeito da verdade dos fatos e dos modos menos arriscados de proceder (BAUMAN, 2011C, p. 197).

No meu entendimento, é função social da educação promover esse “desvelamento” para o qual Bauman aponta referindo-se ao seu campo de estudos:

A sociologia ‘dotada de consciência moral’ precisaria passar por outro teste além de começar com o reconhecimento de que ‘agora somos todos indivíduos’. Teria de revelar o mecanismo desse processo individualizante particular que vem a ser o nosso destino – mecanismo semelhante ao inventado pelo faraó que mandou seus escravos hebreus continuarem a produzir tijolos, mas proibiu que lhes fornecessem a palha necessária à produção. Teria de redirecionar nossa atenção, de todo consumida no momento por preocupações autocentradas, para o fato de que a qualidade de vida individualmente administrada depende de fatores que não são gerenciados no plano individual, mas social; e de que, sem abordar os problemas desse gerenciamento social, pouco se pode fazer, sem dúvida não o bastante, para melhorar essa qualidade (BAUMAN, 2011b, p. 121).

Nesse sentido, destaca-se a necessidade/importância de pensar e fazer educação noutra perspectiva, diferente da tendência crescente promovida por organismos internacionais em prol de uma “educação de resultados”, calcada no falso preceito de que o pleno desenvolvimento intelectual, profissional e social de cada indivíduo depende exclusivamente dele mesmo, de seus esforços individuais. Pensar e fazer educação na perspectiva de uma formação ética e estética, para além da instrumentalização técnica, para a formação integral de sujeitos capazes de viver e sustentar eticamente uma sociedade democrático-republicana, fazendo frente aos engenhosos mecanismos criados para estreitar e/ou eliminar as possibilidades de escolhas que fazem toda a diferença entre vidas humanas e desumanas.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Considerações Finais

A análise dos textos de Bauman em busca de respostas à pergunta “o mundo é inóspito à educação?” me faz pensar que sim e que não. Sim, o mundo é inóspito à educação assentada em fundamentos metafísicos. Mas também não, o mundo não é inóspito à educação, ou melhor, precisa, carece de educação como preparação para a “arte de viver num mundo saturado de informações” (BAUMAN, 2011a, p. 125). Isso aponta para uma outra concepção de educação não como transmissão apenas, ou como preparação para desenvolver habilidades e competências, mas sim como abertura, alargamento de horizontes, que instiga a problematizar e desnaturalizar as estruturas sociais (antes sólidas e agora líquidas).

Mais do que perguntar e se perguntar: Por que o mundo é (está) assim?, trata-se de perguntar e se perguntar: Poderia ser diferente? Por que não?

Podem-se sugerir respostas ainda segurando na mão de Bauman:

Sempre é possível escolher ser humano, sempre é possível escolher ser moral, [...] de vez que todas as estruturas e os pensamentos que nos dizem ser impossível essa escolha são eles mesmos inteiramente contingentes [...] em última instância são as escolhas humanas que fazem toda a diferença entre vidas humanas e desumanas [...], se quisermos entender as qualidades do ser humano hoje, devemos considerar as situações em que os seres humanos se encontram (2011b, p. 21).

Portanto, a partir da leitura da obra de Bauman, pode-se dizer que se faz necessária no contexto da Modernidade líquida uma educação que não sirva para reproduzir tal projeto; mas sim para promover a comunicação entre tradições culturais, num trabalho de interpretação, de busca de significados, de tornar o ‘outro’ compreensível, de fazer-se entender e posicionar-se como autores ativos de escolhas que constituem o modo como a sociedade se organiza e assegura ou não condições mais humanas de vida.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Legisladores e Intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. 44 Cartas do Mundo Líquido Moderno. Traduzido por Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

_____. Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011b.

_____. A Ética é Possível num Mundo de Consumidores? Traduzido por Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011C.